



gossipgirl.net

[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Já tiveram a sensação totalmente bizarra de que alguém está ouvindo suas conversas, espionando você e seus amigos enquanto bebem cafés lattes na escadaria marfim do Metropolitan Museum of Art, seguindo vocês a estreias e festas, basicamente te perseguindo? Bom, e estão fazendo isso mesmo. Quer dizer, eu estou. E a verdade é que eu estive aqui o tempo todo, porque eu sou uma de vocês. Uma entre os Eleitos.

Você não sai muito? O cabelo está tão processado que fritou seu cérebro? Talvez você não seja um de nós e não faça ideia do que estou falando ou de “quem” somos. Somos um grupo exclusivo de pessoas indescritivelmente lindas que por acaso moram naqueles prédios majestosos de toldo verde e porteiro de luvas brancas perto do Central Park. Frequentamos as escolas particulares mais elitistas de Manhattan. Nossas famílias têm iates, casas de campo e vinhedos em vários lugares exóticos de todo o mundo. Vamos às melhores praias e aos resorts de esqui mais exclusivos na Áustria e em Utah. Conseguimos de imediato as mesas nos melhores restaurantes nos bairros mais chiques sem precisar fazer reserva. Nós chamamos atenção. Mas não nos confunda com atores de Hollywood, modelos ou astros do rock — essa gente que você acha que conhece porque lê tanto sobre elas nos tabloides, mas que na verdade são completamente chatas se comparadas aos personagens que interpretam ou às baladas que cantam. Não há nada de tedioso sobre mim ou meus amigos, e quanto mais eu falar disso, mais você vai ficar morrendo de vontade de saber. Ficamos em



silêncio até agora, mas aconteceu uma coisa e, se eu não partilhar isso com o mundo, vou explodir.

a maior história de todos os tempos

Aprendemos esta semana, em nosso curso de redação criativa do segundo ano, que a maioria das grandes histórias começa de uma das seguintes maneiras: alguém desaparece misteriosamente, ou um estranho chega à cidade. A história que estou prestes a contar é do tipo “alguém desaparece misteriosamente”.

Para ser específica, **S** sumiu. A escadaria do Met não é mais agraciada com seu esplendor louro. Não somos mais distraídos na aula de latim pela visão de suas mechas claras se enrolando em seus dedos longos e magros enquanto ela pensa em certo menino de olhos esmeralda.

Mas segure a onda aí, vou chegar lá daqui a pouquinho.

A questão é que **S** desapareceu. E para resolver o mistério de por que ela foi embora e para onde foi, vou ter que voltar ao último inverno — o inverno de nosso segundo ano no colégio — quando o creme de rosto La Mer bateu no ventilador e a nossa linda bolha pink com aroma de rosas explodiu. Tudo começou com três amigos inseparáveis, perfeitamente inocentes e überlindos de 15 anos. Bom, agora eles têm 16, e digamos que dois deles não são assim tão inocentes.

Um épico como este exige uma escriba observadora e de raciocínio rápido. Que seria eu, uma vez que eu *realmente* estava na cena de todos os crimes e por acaso tenho um olhar impecável para os detalhes mais ultrajantes. Então, sente-se, enquanto revelo o passado e os segredos de todos, porque eu sei de tudo e o que eu não sei vou inventar com muitos detalhes.

Admita, você já está caidinho por mim.

Pra você que me ama,

gossip girl



como a maioria das histórias picantes, esta começou com um garoto e duas garotas

— Trégua — gritou Serena van der Woodsen enquanto Nate Archibald cobria seu corpo em um monte de neve branca de um metro de altura. Fria e úmida, a neve entrava pelas orelhas e descia pelas calças. Nate mergulhou em cima de Serena, com todo o seu 1,77m de masculinidade perfeita, de cabelos castanhos dourados e olhos verdes cintilantes. Ele tinha cheiro de Downy e de sabonete de sândalo L'Occitane que a empregada estocava no banheiro. Serena ficou deitada ali, tentando respirar com Nate por cima. — Minha cabeça está gelada — implorou ela, pegando um punhado dos cachos divinos e molhados de neve de Nate enquanto falava.

Nate suspirou com relutância, como se pudesse passar o resto da manhã ao ar livre, no frigorífico gelado que era em fevereiro o jardim dos fundos da casa de sua família na rua 82, perto da Park Avenue, em Manhattan. Ele rolou de costas e se esfregou como Guppy, o golden retriever de Serena, que tinha morrido há um tempão, quando ela costumava deixá-lo solto na grama verde do Great Lawn no Central Park. Depois ele se levantou, limpando desajeitado as bem-passadas calças cáqui Brooks Brothers. Era sábado, mas ele ainda estava com a mesma roupa que usou a semana toda como aluno do segundo ano da St. Jude's School for Boys, na East End Avenue. Era o uniforme extraoficial do Príncipe do Upper East Side, o mesmo uniforme que ele e os colegas de turma usavam desde que começaram o maternal juntos na Park Avenue Presbyterian.



Nate estendeu a mão para ajudar Serena a se levantar. Atrás dele, assomavam os luxuosos prédios de calcário pré-guerra da Golden Mile da Park Avenue e suas coberturas com varanda e janelas de vidro laminado. Ainda assim, nada superava morar numa casa de verdade, com toda uma ala só dele e um jardim de fundos com uma fonte e cerejeiras, à distância de uma ida a pé da casa de uma das melhores amigas, da Serendipity 3 e da Barneys. Serena franziu a testa cautelosamente para Nate, preocupada que ele só fingisse para ela e estivesse prestes a atacá-la de novo.

— Eu estou com frio de verdade — insistiu ela.

Ele agitou a mão para ela, impaciente.

— Eu sei. Vem.

Ela fingiu tirar meleca do nariz e pegou a mão dele com o falso ranho.

— Obrigada, amiguinho. — Ela ficou de pé aos tropeços. — Você é um amigo de verdade.

Nate entrou primeiro. Por trás, suas pernas estavam molhadas e ela podia ver o contorno de suas coxas. Linda visão! Ele segurou as portas francesas para ela passar e se colocou de lado. Serena tirou as Uggs azul-bebê e pisou descalça — as unhas pintadas com esmalte Urban Decay Piggy Bank Pink — pelo longo corredor até a cozinha imensa, toda branca, no estilo italiano moderno, que mal era usada na casa. O pai de Nate, o capitão Archibald, era um ex-capitão da marinha que virou banqueiro e a mãe era uma socialite francesa. Eles basicamente nunca estavam em casa e, quando estavam, iam para a ópera.

— Está com fome? — perguntou Nate, seguindo Serena pelo reluzente piso de mármore branco. — Estou tão enjoado de pedir comida pelo telefone. Meus pais foram à Venezuela, ou a Santo Domingo ou sei lá onde por duas semanas, e eu ando comendo pizza ou sushi toda noite. Pedi a Regina para comprar presunto, queijo suíço, pão branco Pepperidge Farm, maçãs Grammy Smith e manteiga de amendoim. Só quero a comida que eu comia no jardim de infância. — Ele mexeu ansiosamente numa mecha de cabelo castanho-doura-



do e ondulado. — Talvez eu esteja passando por um tipo de crise de meia-idade ou coisa assim.

Como se a vida dele fosse estressante.

— É *Granny Smith*, seu bobo — informou Serena ternamente. Ela abriu o armário de vidro branco e encontrou uma caixa fechada de Pop-Tarts de açúcar mascavo e canela. Pegou um dos pacotes no interior, abriu-o com seus dentes bonitos e brancos e sacou uma massa com uma cobertura grossa. Comeu o canto doce e esfarelento do Pop-Tart e pulou na bancada, chutando os armários abaixo com os pés tamanho 38. Pop-Tarts na casa do Nate. Ela fazia isso desde que tinha 5 anos. E agora... E agora...

— A mamãe e o papai querem que eu vá para um colégio interno no ano que vem — anunciou ela, os enormes olhos azul-escuros ficando imensos e apáticos enquanto se enchiam de lágrimas inesperadas. Ir para o internato e deixar Nate? Doía demais só de pensar.

Nate se encolheu como se um ser invisível tivesse lhe dado um tapa na cara. Pegou outro Pop-Tart do pacote e pulou na bancada ao lado dela.

— De jeito nenhum — respondeu ele decisivamente. Serena não podia ir embora. Ele não ia deixar.

— Eles querem viajar mais — explicou ela, a curva rosada e perfeita de seu lábio inferior tremendo perigosamente. — Se eu ficar em casa, eles acham que precisam ficar mais tempo em casa também. Até parece que eu quero eles por perto. Mas então, eles marcaram para eu conhecer alguns diretores de admissão e essas coisas. É, eu meio que não tenho escolha.

Nate se aproximou alguns centímetros e passou o braço nos ombros bem definidos de Serena.

— A cidade vai ficar um saco se você não estiver aqui — disse ele com sinceridade. — Você não pode ir.

Serena respirou fundo e trêmula, e pousou a cabeça louro-clara no ombro de Nate.



— Eu te amo — murmurou ela sem pensar. Os corpos dos dois estavam tão próximos que toda a lateral de Nate zumbia. Se ela virasse a cabeça e tombasse o queixo só um pouco, podia ter facilmente beijado seu pescoço lindo e quente. E ela queria isso. Ela estava morrendo de vontade de fazer isso, porque realmente o amava, de todo coração.

Amava mesmo? Peralá. Desde quando?!

Talvez desde o baile da escola na quarta série. Ela era alta para a idade e Nate foi um cavalheiro em relação a falta de ritmo dela, o modo como Serena pisava em seus pés e metia os cotovelos ossudos em suas costelas. Ele teve a delicadeza de pegar a mão dela e girá-la para que a saia de seu vestido de cetim cor de ostra Bonpoint rodasse de um jeito magnífico. A professora deles, a Sra. Jaffe, que tinha cabelo azul comprido que prendia com uma rede preta adornada com pérolas, venerava Nate. Assim como a melhor amiga de Serena, Blair Waldorf. E Serena também — mas só agora percebeu isso. Serena tremeu e sua pele perfeita e bronzada do Natal no Caribe explodiu em arrepios. Todo seu corpo parecia estar sofrendo uma reação adversa à ideia de revelar uma coisa que ela guardou tão bem até de si mesma por tanto tempo.

Nate passou os braços tonificados de lacrosse por sua cintura estreita e a puxou para mais perto, enfiando a cabeça dourada de Serena na curva de seu pescoço e massageando os vãos entre as costelas de suas costas com a ponta dos dedos. A melhor coisa em Serena era sua total falta de constrangimento. Todo seu corpo era longo, magro e tenso como as cordas de sua raquete de tênis Prince de titânio.

Doía ter uma amiga tão ridiculamente gata. Por que a melhor amizade dele não era um cara bundudo, cheio de espinhas e caspa? Em vez disso, ele tinha Serena e Blair Waldorf, tranquilamente as garotas mais lindas do Upper East Side e talvez de toda Manhattan, ou até do mundo todo.

Serena era uma deusa absoluta — todo cara que Nate conhecia falava dela — mas causava perplexidade de tão imprevisível. Passaria horas rindo se visse uma nuvem com formato de privada ou coisa igualmente ridícula, e no minuto seguinte estava pensativa e triste. Na maior



parte do tempo, era impossível saber o que estava pensando. Às vezes Nate se perguntava se ela ficaria mais à vontade num corpo que fosse um pouco menos perfeito, que lhe desse mais *estímulo*, para usar uma palavra pomposa. Como se ela não tivesse certeza do que desejar, uma vez que basicamente tinha tudo o que uma garota podia ter.

Blair era mignon, com uma linda carinha de raposa, olhos azul-cobalto e cabelo castanho ondulado. Na quinta série, Serena tinha dito a Nate que Blair meio que empinava o peito quando percebia que alguém estava olhando, e ela sempre ou estava mandando nele ou ajeitando o cabelo dele. É claro que Blair jamais admitiu que gostava de Nate, o que fazia com que ele gostasse ainda mais dela.

Nate soltou um suspiro fundo. Ninguém entendia como era difícil ser amigo de duas meninas tão lindas e tão impossíveis.

Até parece que seria assim se elas fossem esquisitas e horrorosas.

Ele fechou os olhos e respirou o doce aroma do xampu clareador Frédéric Fekkai de cidra de maçã de Serena. Ele beijou algumas garotas e até avançou um pouco mais em junho passado, com L'Wren Knowes, uma terceiranista mais velha da Seaton Arms School que realmente parecia saber de tudo. Mas beijar Serena seria... diferente. Ele a amava. Era simples. Ela era sua melhor amiga e ele a amava.

E se você não pode beijar sua melhor amiga, *quem* você pode beijar?